

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

GUSTAVO DE MELO MUNIZ

REFLEXÕES ACERCA DA HETERONORMATIVIDADE

Brasília

2017

GUSTAVO DE MELO MUNIZ

REFLEXÕES ACERCA DA HETERONORMATIVIDADE

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Wanderson Flor do Nascimento

Brasília

2017

AGRADECIMENTOS

A minha família, meu irmão Víctor, minha mãe Rosa minha linda cachorra Nina e principalmente ao meu pai que sempre me deu forças para continuar quando as minhas acabaram, que sempre me ajudou e me ouviu quando eu precisei dele.

Ao meu orientador, Professor Doutor Wanderson Flor, agradeço por sua paciência, confiança em meu potencial e dedicação à filosofia, que me motivaram a valorizar minhas ideias. Se você não tivesse aceitado ser me orientador eu não sei onde eu estaria. Muito obrigado pelos conselhos, pelas conversas e por tudo.

A todas as pessoas que passaram na minha vida, todos meus grandes amig@s que passaram por mim, para aqueles que ainda tenho contato e da mesma forma para aqueles que infelizmente não tenho mais, todos vocês tiveram importância neste trabalho.

Aos colegas, dos quais cito Luan Araújo, Nájila Mota, Paula Calazães, Raylane Marina, Iana Filizola, Tiago Caiado, Eduardo Soares, Daniela Bernardes, Paulo Henrique Souza, Tiago Guedes, Luccas Galli e Tais Cardoso

Finalmente, porém não menos importante, agradeço ao corpo de funcionários da Universidade de Brasília que sempre estiveram presentes para me auxiliar durante todo problema que surgiu.

“Não, está muito certo! Com a filosofia não se pode fazer nada. O errado é apenas pensar que com isso a filosofia terminou. Pois ainda há o reverso da medalha. Se nós não podemos fazer nada com filosofia, resta ainda acertar se também a filosofia não pode fazer nada conosco, caso naturalmente nos dediquemos a seu cultivo.”
(Emmanuel Carneiro Leão).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar as consequências da sociedade heteronormativa brasileira naqueles indivíduos que se consideram heterossexuais. A partir de uma análise acerca de alguns pilares da sociedade: homofobia e machismo, mostra-se a forma como eles afetam a vida de seus cidadãos, sejam eles pertencentes à norma heterossexista ou não. A partir da análise da hegemonia heteronormativa que se vive no Brasil contemporâneo notou-se também que o sistema definido por ela para definir a orientação sexual das pessoas é incompleto e não muito realista. A sociedade afeta a forma como cada um vê sua sexualidade, desta forma uma definição auxiliar e que ao mesmo tempo é uma crítica foi apresentada neste trabalho.

Palavras-chave: heteronormatividade, orientação sexual, sociedade, heterossexual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. HETERONORMATIVIDADE.....	10
1.1. Homofobia – conceito e características.....	12
1.2. Machismo – conceito e características.....	16
2. PLATÃO E A ORIENTAÇÃO SEXUAL	22
2.1. Eros, o Deus do Amor.....	23
2.2. Orientação Sexual.....	28
3. CONSEQUÊNCIAS DA HETERONORMATIVIDADE.....	34
3.1. Na Orientação Sexual dos Heterossexuais.....	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5. BIBLIOGRAFIA.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início a partir de uma série de reflexões que me incomodam há algum tempo. Uma sociedade que vê como obrigatoriedade uma sexualidade e orientação sexual sempre foi algo que me soava estranho. Um preconceito baseado na intimidade, na orientação sexual dos outros era algo que nunca foi bem compreendido por mim. Eu sabia o que era, mas nunca cheguei a entender o porquê das pessoas se incomodarem tanto com isso. Por qual motivo se incomodar com os desejos, impulsos sexuais ou com quem alguém se relaciona? Felizmente ao final deste trabalho penso que consegui respondê-la.

A partir da noção que me foi dada ao ler o artigo *Revista Ártemis, Às Margens: Notas Escritas entre a Filosofia e a Sexualidade* de Wanderson Flor comecei a entender o quão intrincada é a opressão em torno das sexualidades na sociedade em que vivemos. Homofobia, machismo, heteronormatividade, tudo está intimamente ligado. A sociedade em que vivemos e o fato dela ser heteronormativa afeta de forma majoritária a forma como nos relacionamos com o próximo e como vemos nossa sexualidade. A reprodução de práticas e códigos heterossexuais, influencia a forma como nossa sociedade é sem que tomamos consciência de suas consequências, por mais prejudiciais que elas sejam.

Tendo como objetivo mostrar as consequências de uma sociedade heteronormativa na orientação sexual daqueles que se dizem heterossexuais, seria necessário mostrar as grandes características da sociedade em questão, relativas aos valores que envolvem a sexualidade. Pensado nisto comecei com os que eu achava mais importante para retratar.

No primeiro capítulo será analisado o sentido de heteronormatividade e sua relação com a homofobia e com o machismo. Primeiramente, será mostrada a definição de homofobia, que será apresentada a partir da obra de Daniel Borrillo, *Homofobia: História e Crítica de um Preconceito* junto com a noção de D. Welzer Lang, trazida no mesmo livro. Tendo em vista que a homofobia é uma consequência da heteronormatividade, uma série de eventos surgem a partir daí. Será mostrado que como a sociedade segue essa matriz heterossexista, um ciclo opressivo é formado, o qual agrava ainda mais o problema que é a homofobia e dá cada vez mais força para a heteronormatividade.

No segundo momento deste primeiro capítulo, o foco se dará no machismo presente na nossa sociedade. Colonizado por um país europeu, o Brasil tem grande influência do

patriarcado e desta forma, do machismo também. Dando ênfase no quão errado é o sentido no qual a sociedade atual se baseia, de que a mulher é de várias formas inferior ao homem, uma definição de gênero baseada em Judith Butler foi trazida. A prerrogativa de que o termo gênero é uma construção social é um dos pontos que marca este tópico. Aliado com a definição dada por Flor acerca da identidade a afirmação de que a sociedade acredita que todos devem ser basicamente iguais se concretiza. O preconceito latente para com aqueles que fogem do padrão, que manifestam sua identidade de forma pouco comum, assim como aqueles que desconsideram o sentido de gênero é algo muito presente no Brasil contemporâneo. A sociedade não aceitar os diferentes é algo que não pode ser naturalizado.

Já no segundo capítulo será analisado o sentido de orientação sexual a partir do termo Eros apresentado na obra *O Banquete* de Platão. Na primeira parte do capítulo dei um breve resumo sobre o que acontece na obra para que o leitor tenha noção do que é esse termo Eros no qual essa definição auxiliar será apresentada.

Um pouco mais à frente no capítulo será mostrado o quanto uma definição de orientação sexual baseada em com que se relaciona (pensamento extremamente comum na sociedade heteronormativa em que vivemos) é equivocada tendo em vista a sociedade em que vivemos. Existe uma coercitividade em se relacionar com pessoas do sexo oposto. Aqueles que não são héteros, sofrem represálias (homofobia), conseqüentemente acabam se escondendo, não assumindo sua real orientação sexual por medo da violência. A partir disso nota-se que as pessoas que se relacionam com outras do sexo oposto não obrigatoriamente são heterossexuais. Com a finalidade de alcançar aqueles que não tiveram a coragem de se assumir, aponto essa definição auxiliar, que tem como objetivo mostrar a precariedade na definição tradicional e ao mesmo tempo criticá-la. A interiorização da definição de orientação sexual seria necessária.

O termo *Eros* aparece com o sentido de mostrar diferentes formas de amor. Assim como vários deuses Eros foram mostrados no *Banquete* a partir de vários discursos/elogios, existem várias formas de amor. Fica a pergunta: qual forma de amor/desejo seria a válida para se criar a definição de orientação sexual? Obviamente ela não poderia ser definida pelo amor que existe entre pai/mãe e filhos. Entre amigos também não. Nota-se que o amor ou desejo que mais se aproxima seria o entre amantes. Fazendo uma crítica ao sistema vigente no qual a pessoa com quem se relaciona é quem define nossa orientação sexual termina-se este capítulo.

No terceiro capítulo deste trabalho, tentei mostrar que os preceitos presentes na sociedade brasileira e como eles são extremamente prejudiciais para uma parcela da sociedade. Todo aquele que não segue os preceitos da heterossexualidade compulsória acabam sofrendo. A homofobia afeta todo aquele que fuja da norma heterossexual. O machismo afeta todo aquele que não siga a norma sexo-gênero. Toda mulher, em alguma medida, sofre devido ao machismo. Tendo um final que mostra que a aceitação é um bom caminho para que um ciclo de ódio presente na nossa sociedade pare de acontecer este trabalho teve uma importância muito grande para me mostrar o quão necessário é que cada indivíduo aceite a diferença.

Grande parte da sociedade sofre por não se “endireitar” dentro do que a sociedade contemporânea considera como certo. Na realidade a hegemonia não se preocupa se o seu pensamento é certo ou não. Isso não é o que ela tem em foco, ou seja, ela não vai olhar isso. O que nossa sociedade vai olhar primeiramente é se o seu pensamento é diferente (por que qualquer pensamento que seja diferente da hegemonia é considerado como um contrário) do dela.

1. HETERONORMATIVIDADE

A sociedade em que se vive no Brasil – e em grande parte do mundo – dos dias de hoje faz parte de uma hegemonia heteronormativa. O que seria ser uma sociedade hegemonicamente heteronormativa? A hegemonia seria a supremacia de um pensamento sobre outro, uma corrente vigente no qual uma grande maioria acredita nela. Nesse caso, uma sociedade hegemonicamente heteronormativa, seria um tipo no qual possui com supremacia o pensamento de que a norma, a primeira opção, o certo a se seguir é a heterossexualidade, daí o nome heteronormativo.

Assim como ser heterossexual, para Foster o sentido de heteronormatividade envolve uma série de incentivos à práticas e códigos heterossexuais, como o casamento monogâmico, o amor romântico, fidelidade conjugal, uma constituição familiar tradicional (pai, mãe e filhos/as). Tudo isso é aliado ao “heterossexismo compulsório” (RICH, 2010), no qual é imperativo e inquestionável que todos os membros da sociedade reforcem a legitimidade de práticas heterossexuais.

Como aparece como norma, nesse caso, entende-se essa hegemonia como mantenedora de uma “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2010). Essa sociedade hegemônica inferioriza as demais sexualidades, sexualidades marginais¹, de uma forma pior que secundárias, como menores. Elas são desconsideradas de uma lógica, estão “nas bordas”, “experimentando limites, “buscar outras formas de relação e de pensamento além desta dada pela lógica hegemônica”(FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 26). Essas sexualidades marginais se apresentam como subversivas da lógica praticada pela sexualidade hegemônica heterossexual, diz Wanderson Flor. Elas são consideradas como subversivas pelo pensamento vigente porque se portam diferente do que a norma considera correto. Por ir de uma forma diferente, mas não contrária ao pensamento dominante, são consideradas subversivas.

O pensamento heteronormativo, além de colocar os heterossexuais como principal sexualidade e orientação sexual, ela também pensa que o mundo é dividido entre homem e mulher, seguindo algo como uma lógica de reprodução e de dominação, diz Wanderson Flor

¹ Termo utilizado na Revista *Ártemis*, no texto *Às Margens: Notas Escritas entre a Filosofia e a Sexualidade* por Wanderson Flor do Nascimento. Termo referente à todas as sexualidades no qual são colocadas às margens (pensando num sentido de que um rio possui margens, mas não apenas uma). As sexualidades marginais não são colocadas como segundo plano, pois elas são completamente desconsideradas da lógica da supremacia vigente. À grosso modo seriam sexualidades que fogem à generalização.

(2012). Considera-se então que a hegemonia heteronormativa vê a sociedade como binária, sendo dividida em homem e mulher. Assim como é vista seguindo um padrão binário, a sociedade brasileira hierarquiza o corpo masculino sob o feminino. O papel ativo pertencente ao homem sendo superior ao passivo da mulher. A hegemonia heteronormativa brasileira, pensamento que possui supremacia no Brasil é machista, tendo o pensamento de que a mulher é naturalmente inferior ao homem. Fruto de uma sociedade anteriormente patriarcal, e que ainda é, hoje se transformou num monstro machista no qual flagela, machuca, destrói o sentido de mulher e conseqüentemente tem em mãos a mortes de mulheres diariamente.

Outro problema da heteronormatividade, além do machismo, é que ela quer permanecer como o pensamento hegemônico, desta forma todo pensamento novo ela o diminui e o coloca às suas margens. Essas sexualidades marginais são aquelas vistas como “fora do comum”. Seriam os gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais. Esse grupo é colocado como algo além, que não faz parte do mesmo universo que o da hegemonia, que fogem da generalização. A hegemonia quer que o padrão continue, todo aquele que se destaca, que é diferente, ou é combatido ou desconsiderado.

Chega o momento em que algumas sexualidades crescem tanto que sua desconsideração é impossível. Os homossexuais no Brasil contemporâneo são uma sexualidade comum, com um grande número e ganhando cada vez mais voz dentro da sociedade. No que se refere ao comportamento homossexual, a sociedade heteronormativa desenvolveu uma reação, a homofobia. Daniel Borrillo (2010) em sua obra *Homofobia: História e Crítica de um Preconceito* fala em como a homofobia tem casos variados, seguindo um medo tanto irracional quanto racional. É dito por Borrillo (2010) que homofobia é a atitude de hostilidade contra as/os homossexuais (homens e mulheres). O homofóbico é aquele que possui aversão e hostilidade sistemática contra os homossexuais. Não devendo ser reduzido à apenas um ódio e raiva irracional a esse grupo, vive-se no Brasil uma sociedade que designa os gays e lésbicas como contrários, inferiores, anormais. A homofobia é uma mera consequência de uma sociedade heteronormativa. É um de seus mecanismos reguladores, uma vez que o pensamento de aceitação à cultura homo diverge dos princípios do heterossexismo e contra a hegemonia de pensamento. Pensamentos divergentes não são aceitos e tem represálias.

O povo brasileiro, quando preconceituoso, raramente assume sua falta de aceitação com essas sexualidades marginais. Diz que não tem problemas, mas ... “preferiria que seu filho(a) não fosse”. Com o crescimento da comunidade LGBT e o reforço de que atitudes

homofóbicas são extremamente erradas, a sociedade incorporou um falso pensamento de aceitação. Ele consiste em achar que quando se publica uma notícia de que um gay foi espancado na rua, o agressor estava claramente errado, mas quando aparece numa novela um casal gay se beijando é um absurdo, no qual irá influenciar suas crianças. Um atentado violento contra uma manifestação LGBT é vista como errado, mas o fato dos heterossexuais terem mais direitos que os homos é normal. Veja que o sentido de agressão física é algo visto como errado, porém o achar que o homossexual é algo ruim, ou que ser heterossexual é melhor do que ser homo, é um pensamento entendido como correto. A heteronormatividade não aceita que um homossexual possa ser igual ao hétero. A hegemonia heteronormativa é homofóbica e não admite que o é.

1.1. Homofobia– conceitos e características

A partir do que foi apresentado antes, será avaliado a homofobia da sociedade heteronormativa brasileira a partir do que Daniel Borrillo escreveu em sua obra *Homofobia: História e Crítica de um Preconceito*. Acerca deste tema é necessário que se fale tanto o que seria a homofobia para Borrillo quanto a que será utilizada neste trabalho. O sentido geral de homofobia considerado neste trabalho não será somente o de Borrillo, mas o conjunto do pensamento deste com os demais autores que cita em seu livro. Antes de se falar mais sobre homofobia é necessário que se entenda o que ela é. Homofobia é a “atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres.” (BORRILLO, 2010, p. 13).

D. Welzer Lang diz que a homofobia seria uma mera representação do sexismo, ou seja, seria um preconceito no qual tem como especificação a sexualidade, desta forma, sendo denominado como um preconceito sexista. Ele explica que é uma “discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino).” (LANG *apud* BORRILLO, 2010, p. 26). Interessante fato dito por este autor é que ele afirma não ser um preconceito endereçado para gays ou lésbicas, mas para um padrão de comportamento no qual vai contra os papéis sociosexuais pré-estabelecidos. Em outras palavras é um preconceito endereçado à pessoas que não estão em conformidade com a norma sexual. Isso explica a razão da homofobia não afetar gays ou lésbicas que terceiros não notam à primeira vista que são homossexuais, ou de forma coloquial, que não “dão bandeira”.

É o que o autor de *Homofobia* fala em seu livro sobre uma noção de homofobia a discursos e comportamentos

O sociólogo D. Welzer-Lang foi o primeiro que, na França, ampliou a noção de homofobia a discursos e comportamentos que, superando a mera apreensão em relação a gays ou lésbicas, articulam uma forma geral de hostilidade contra atitudes opostas aos papéis sociosexuais pré-estabelecidos. Para esse autor, a homofobia geral nada é além de uma manifestação do sexismo, ou seja, da discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino). Essa forma de homofobia é definida como "a discriminação contra as pessoas que mostram, ou às quais são atribuídas, determinadas qualidades (ou defeitos) imputadas ao outro gênero": Assim, nas sociedades profundamente marcadas pela dominação masculina, a homofobia organiza uma espécie de "vigilância do gênero": porque a virilidade deve estruturar-se em função de dois aspectos: negação do feminino e rejeição da homossexualidade. (BORRILLO, 2010, p. 26).

Entende-se então que existe toda uma gama de padrão de comportamento estipulado tanto para o homem quanto o para a mulher. Quando algum desses foge desse padrão, ou seja, quando um homem se apresenta de forma efeminada (característica atribuída como feminina) ou quando uma mulher se mostra de forma mais masculinizada (característica assimilada aos homens) a homofobia aparece. Isso é um fato a se pensar, uma vez que é bem raro um homossexual que não “aparenta ser homossexual” sofrer homofobia no meio da rua, a menos que alguém saiba que ele(a) é homo.

Borrillo (2010) mostra vários tipos deste preconceito sexista existentes, sendo eles a homofobia irracional, cognitiva, psicológica, geral, específica. Cada uma delas possui um aspecto diferente. A primeira forma apresentada é a irracional, no qual se caracteriza por uma forma de medo, aversão e repulsa. Sendo comparada com a claustrofobia (medo de lugares fechados) e zoofobia (medo de alguns animais). Se apresentado como limitado e sendo apenas o sentido original do termo homofobia, ou seja, apenas a ponta do iceberg não será utilizado neste trabalho muito mais sobre esse tipo específico. Sua apresentação representa apenas o que seria a homofobia em termos meramente etimológicos.

A segunda forma de homofobia apresentada é a cognitiva, ou de cunho social. Ela se caracteriza pela forma de perpetuar uma diferença entre homo/hétero, a partir de um hábito de desdenhar do outro, apreendendo-o e categorizando-o. A partir de uma forma de tolerância no qual permite que o outro seja o que é, ou seja, não há uma rejeição aos homossexuais, porém não é surpresa os homossexuais não possuírem os mesmos direitos que os heterossexuais. A passagem de Fassin descreve muito bem o que essa homofobia representa.

No mundo social, toda a gente gosta dos homossexuais em geral - inclusive,

muitas pessoas têm amigos homossexuais em particular. Entretanto, ninguém iria ao ponto de defender na igualdade das sexualidades, proposição radical que esbarra no senso comum: mesmo que nada exista de anormal na homossexualidade, cada um de nós sabe que o casamento ou a filiação reconhecidos aos casais do mesmo sexo não seriam considerados uma situação normal. (FASSIN *apud* BORRILLO, 2010, p. 24).

A existência de uma diferença entre os dois tipos de casal, homo e hétero, e até de indivíduos homo e hétero é aceita pela população. A diferença entre casais é algo natural (seja de casais homos para héteros, de héteros para héteros, todo casal é diferente), o problema é a forma com que ela se apresenta. A partir de piadas, caricaturas, nos insultos, os gays e lésbicas são colocados como algo feio, grotesco e medonho.

A homofobia psicológica, que está caminhando lado a lado com a cognitiva caracteriza-se pela condenação da homossexualidade. Uma “violência em estado puro” (BORRILLO, 2010, p. 25). Uma diferença entre uma e outra é que enquanto a cognitiva tem um caráter social, a psicológica tem um caráter individual, no qual a raiva, a aversão estão direcionadas à um indivíduo.

Outra forma é a geral, na qual se define a partir de uma correlação entre sexo (macho e fêmea) com o gênero (masculino e feminino). Quando algum desses não está correspondendo ao grupo “pertencente”, ou seja, o macho estar relacionado ao gênero feminino (um menino que goste de usar saia, goste de boneca ou da cor rosa) por exemplo, e vice-versa, aparece a homofobia geral. Como se houvesse um “gênero correspondente” enuncia Borrillo (2010). O indivíduo macho recebe ensinamentos desde quando nasce sobre como ser um homem, ser masculinizado, gostar de azul e não de rosa, gostar de carros ao invés de boneca, ter cabelos curtos, usar calça e não saia entre muitos outros exemplos.

A homofobia específica seria a intolerância direcionada à gays ou lésbicas, ou seja, a “gayfobia” e “lesbofobia”. A “lesbofobia” é uma especificidade dentro da homofobia, no qual existe um tipo de violência único, diferente por exemplo da “gayfobia”. Isso ocorre devido ao desdém que acontece por serem mulheres e homossexuais. A diferença entre essas duas formas de preconceito é que mulheres homossexuais sofrem de forma diferente. As discriminações de gênero que a mulher sofreu e ainda sofre é algo que um homem, mesmo gay, nunca entenderá. Tendo em vista que este trabalho não tem como objetivo falar de casos específicos como a “gayfobia” ou a “lesbofobia”, mas sim falar do caráter da homofobia presente na sociedade heteronormativa, ela não será analisada de uma forma muito próxima.

Termina-se então agora as formas de homofobia citadas por Borrillo. Usaremos principalmente a homofobia geral, a cognitiva e psicológica. As irracionais e a específicas não receberão tanta ênfase. Mostra-se a partir dos relatos anteriores das mais diversas homofobias que ainda nos dias de hoje existe um medo dos homossexuais dentro da sociedade brasileira. Isso é consequência de uma produção cultural ocidental judaico-cristã. A partir de textos sagrados, leis laicas que basicamente são coniventes com a homofobia, textos literários e até mesmo dentro da esfera cinematográfica, houve um fortalecimento de um pensamento anti-homossexual, e contra qualquer manifestação de afetos entre pessoas do mesmo sexo.

É preciso notar o ciclo que existe na sociedade brasileira no que se refere à homofobia. Tem-se uma sociedade no qual não aceita, nem permite a diferença (entende-se diferença por todo aquele que possui uma sexualidade marginal - gays, lésbicas, bissexuais) consequentemente não incentiva a diferença, mas sim a poda. Pessoas que nasçam em um meio no qual a homofobia e o preconceito seja intenso não terão como se mostrarem realmente, ou seja, uma sociedade no qual não permite com que a diferença saia à luz, faz com que ela se esconda à todo tempo. Tem-se assim no Brasil, e em praticamente toda sociedade que é homofóbica, um número grande de cidadãos que não se assumem.

A questão em se ter uma sociedade extremamente preconceituosa e homofóbica é que em consequência disto um grande número de indivíduos não assume sua real orientação sexual. A homofobia psicológica se mostra neste caso, tem-se uma pessoa que não pôde se assumir devido a um meio que nunca o aceitasse, ou seja, esse indivíduo é um gay que nunca achou brechas para se assumir. Ao ver um casal gay, ele cria uma certa aversão dentro de si, por nunca ter tido coragem de se assumir publicamente como o casal que está a ver. Ao ser bombardeado com pensamentos de que ser gay é errado (fruto de uma sociedade que não aceita a diferença), esse indivíduo acaba aceitando que sua homossexualidade é errada e ainda possuindo essa esfera homo dentro de si, uma raiva descomunal de si mesmo surge. Como o casal gay foi quem o fez lembrar disso dentro de si, a raiva é direcionada a eles. Consequentemente um ato homofóbico pode facilmente surgir daí. Esse fato é muito interessante. Um antigo indivíduo que foi oprimido pela sociedade, a partir de uma lavagem cerebral feita pela indução de pensamentos heterossexistas acaba se tornando um possível opressor.

Concluindo esta parte do argumento, uma sociedade na qual não tem um ambiente propício para que as pessoas possam ser o que querem, ao não permitir que as pessoas sejam

gays, lésbicas ou o que quiserem, causará um evento psicológico. Esse evento consiste em as pessoas que não conseguiram se assumir e que deveriam estar do lado das sexualidades marginais (uma vez que fazem parte dessas sexualidades, mas que são bombardeados com pensamentos heterossexistas) começam a sentir ódio de si mesmas por serem dessas sexualidades e dos demais que o são pois os fazem se lembrar deste fato. Esse ciclo é tão poderoso que pessoas que deveriam estar unidas para tentar acabar com um pensamento equivocado da sociedade acabam sendo colocadas em lados opostos exatamente por causa da sociedade. Aqueles que ainda não se assumiram acabam combatendo e sendo contra aqueles que já se assumiram.

1.2. Machismo– conceitos e características

A sociedade heteronormativa possui uma outra característica além da homofobia, o machismo. O sentido de machismo que será analisado neste trabalho é o mesmo trazido por Daniel Borrillo (2010) em sua obra anteriormente mencionada, na qual ele enuncia sobre uma suposta ordem sexual, ou seja, a ideia de que as relações sociais entre os sexos e as sexualidades seguem uma ordem. É dito: “nessa ordem sexual, o sexo biológico (macho/fêmea) determina [...]um comportamento social específico (masculino/feminino)”(BORRILLO, 2010, p. 16). Um pensamento machista considerado neste trabalho não vai apenas no campo onde Borrillo diz, mas todo e qualquer pensamento no qual exista um ar de hierarquização entre os sexos.

Existe um problema muito grande no machismo que é estipular o que um indivíduo deve ser a partir do fato se ele é homem ou mulher. Não deve haver uma conexão necessária entre o sexo de um indivíduo, sua posição social e mais ainda, sua importância na sociedade. A escolha deve ser inerente ao próprio indivíduo.

Segundo o machismo a mulher é naturalmente inferior ao homem. A mulher deve, segundo a concepção do machismo e patriarcado, complementar ao homem e ser submissa. Para a mulher não havia outra opção ou ela ficava em casa e seguia as regras de uma sociedade patriarcal ou ela iria para o mercado de trabalho, sofrendo preconceito e muitos

olhares como se estivessem fazendo algo errado. Colocando em outras palavras, ela iria sofrer represálias por estar ali.

A ideia de que a mulher deve ser inferior ao homem e ser submissa a ele não surgiu do nada, foi um pensamento que surgiu em algum momento. Quando? É quase impossível dizer, porém sabe-se quem influenciou para que essa perspectiva tivesse mais força com o passar dos anos. A igreja teve um papel crucial na visão de submissão da mulher. É dito na Bíblia Sagrada em Efésios 5:22:

As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher [...] assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos.(Bíblia Sagrada, p 1502)

Marilena Chauí diz em seu texto *Repressão Sexual em Nossa (Des)Conhecida* no capítulo Sexo e Pecado mostra o papel que a religião, mais precisamente a igreja cristã teve nesse pensamento de diminuição e de submissão da mulher.

Mas, para o sucesso repressivo do modelo mais uma exigência é colocada, além da sacramentação do casamento:conseguir o controle das mulheres. [...] o marido deve domar e submeter a esposa que a ele deve total obediência, pois a ‘ordem natural é que a mulher sirva ao homem’; como consequência no leito conjugal, a esposa deve ser passiva, jamais ficando em posições ‘contrárias à Natureza’, isto é sob o homem (CHAUÍ, 1998, p 98).

Atendo-se a esse ponto, nota-se que a religião ocupava um importante papel político na construção das relações e suas normas. Se não fosse seguido seus dogmas, você poderia ser preso, morto, torturado, assim como toda sua família para seguir de exemplo. Um pensamento de que a mulher deveria ter um posicionamento obediente quanto ao seu marido, e deveria ser passiva durante o ato sexual é algo muito combatido nos dias de hoje por ser um pensamento extremamente patriarcal e machista. A partir dessa passagem de Marilena Chauí, pode-se entender a importância que a igreja teve e ainda tem no machismo no Brasil. O sacramento (sinal e rito instituído por Cristo e realizado pela Igreja, que é canal de graça para a salvação das almas²) dito por Marilena mostra a relação entre a igreja e esse papel de submissão por ela imposto. A autora diz mais:

² Dicionário Didático de Português.

Com relação às mulheres, podemos observar dois aspectos. O dever conjugal (transformado em dívida – debitum –, isto é, num termo do vocabulário jurídico e não mais religioso) não significava que a igualdade afirmada por São Paulo fosse igualdade na relação sexual: a mulher, como o homem possuía um papel sexual (e o conservou até hoje, com raras exceções) e esse papel era o passivo (CHAUI, 1998, p. 99).

Mostra-se assim o quão absurdo era o papel da mulher antigamente, e que, em grande medida, conserva-se hoje. Ela deveria ser passiva, estática, não podia sentir prazer durante o sexo, deveria ser obediente e submissa ao marido, todos posicionamentos abominados pelo feminismo. A luta de igualdade de direitos entre os dois sexos, macho o fêmea tem como principais pautas a luta contra esses valores. Mostrar essas citações é importante para que se tenha noção que essas posturas são arcaicas, não são apropriados para a sociedade de hoje. A aceitação deveria ser pandêmica, mas ao contrário, a não aceitação da diferença é pandêmica.

Portugal era um país cristão quando colonizou o Brasil. Ainda é. Porém houve malefícios que a igreja fez antigamente e que se repercutem nos dias de hoje. Não é possível estimar a importância, nem afirmar que foi a igreja quem deu origem a esse posicionamento de que a mulher deve ser submissa, obediente e passiva quanto ao marido, mas o que se pode afirmar com certeza é que ela teve uma papel incentivador desse pensamento de que a mulher é inferior. Até mesmo dentro da própria instituição católica, onde só há líderes religiosos masculinos.

Como foi afirmado nos parágrafos anteriores, pode-se enxergar que existe um sentido hierárquico opressivo muito forte na sociedade brasileira. Um papel no qual o homem é muito superior à mulher, no sentido social. Isso pode ser reforçado a partir da colonização no Brasil feita por Portugal. Algo curioso, uma vez que em pleno século XXI é facilmente notado similaridades sociais que o Brasil colônia. A forma como a sociedade se organiza e seu sentido hierárquico praticamente não mudou muito. A mulher ainda é vista como a pessoa que deve cuidar dos filhos e não o pai. A mulher é vista como a pessoa que deve cuidar da casa e não o homem. Parando-se para pensar é preocupante que a sociedade brasileira ainda pense desta forma. Antiquada, retrógrada.

As mulheres nos dias de hoje não estão lutando apenas para obterem direitos iguais, fato esse que nunca foi alcançado. As mulheres têm salários menores de homens que possuem a mesma função. Existe cota para mulheres dentro de partidos políticos. A existência de cotas para mulheres já mostra que determinados universos não “pertencem” à

mulher. Tem-se nos dias de hoje a lei Maria da Penha, o que é uma vitória para as mulheres, foi dado o direito ao voto para elas, mas o que mais elas ganharam? O direito ao voto e uma lei que a protege, mas mesmo nos dias de hoje o Brasil é um dos países com o maior número de feminicídio (assassinato de mulheres por serem mulheres) do mundo. Tem algo muito errado na forma como a mulher e seu papel dentro da sociedade são vistos. A mulher deve fazer o que ela quiser, seja estar trabalhando, em casa, cuidando de filhos, escolhendo não ter filhos. O lugar da mulher é onde ela quiser e ninguém deveria dizer o contrário.

Além da forma como a mulher é vista dentro da sociedade, existe uma questão a se discutir e que nos dias de hoje vem se tornando cada vez mais difícil não se falar disso. A questão de gênero e identidade é um assunto que deve ser tratado quando a pauta é uma sociedade machista. Grande parte dos preconceitos, não somente a homofobia, no sentido de aversão aos gays, lésbicas e bissexuais, mas preconceitos como o que D. Welzer Lang mostra. Uma “discriminação de pessoas em razão de seu sexo (macho/fêmea) e, mais particularmente, de seu gênero (feminino/masculino)” (BORRILLO, 2010, p. 26). Ele diz que a homofobia não seria um preconceito endereçado para os gays e lésbicas, mas sim a pessoas que fogem de um padrão, papéis sociosexuais pré-estabelecidos.

É necessário que se tenha em mente desde o início que a identidade é algo que se manifesta, que com o passar do tempo, se entendendo e se conhecendo isso se aflora. Sua identidade não se manifesta de um dia para o outro, não é um processo que ocorre nesta velocidade. Ela é influenciada fortemente pela educação, práticas religiosas, amizades e basicamente grande parte das práticas sociais no qual aquele indivíduo estiver introduzido. Só com o tempo se entende a sua própria identidade. Ela é o norte das relações corpóreo-afetivas e sexuais de cada indivíduo segundo Wanderson Flor, desta forma sua família e grande parte do que aquele indivíduo vive irá influenciá-lo.

A ideia de gênero que se tem neste trabalho é a de Judith Butler da obra *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade* no qual corresponderia ao sexo no qual uma pessoa nasce possuindo, ou seja, para aquele indivíduo que nasce com uma determinada genitália, uma interpretação social é automaticamente assimilada para ele, de que ele deve agir, ser e seguir um plano estipulado socialmente. Ao se nascer com uma determinada genitália a sociedade lhe dá uma denominação, macho ou fêmea e a partir desses nomes essa ideia social entra, estipulando cada indivíduo como homem ou mulher. Uma pessoa que nasça com uma genitália feminina, dentro de uma sociedade heteronormativa, será criada para ser

uma “mulher” efeminada, ou seja, que siga os padrões de comportamento pré-estabelecidos socialmente. Dentro da sociedade brasileira contemporânea existe uma relação entre genitália e gênero. Gênero é uma construção social no qual um indivíduo por nascer com determinada genitália deve agir de ser de determinada forma. É uma instituição machista, sexista, homofóbica e que hierarquiza os sexos e sexualidades. Por ser uma construção social, esse termo, gênero, faz parte de da sociedade heteronormativa, e que se analisado faz parte de um discurso machista.

D. Welzer Lang mostra uma homofobia no qual é muito interessante, ele diz ser um preconceito endereçado não para gays ou lésbicas, mas para um padrão de comportamento no qual vai contra os papéis sociosexuais pré-estabelecidos. O sentido de gênero e identidade entra muito a fundo neste princípio dado por Lang. Uma pessoa sofre preconceito não por ser gay ou lésbica, mas por ir contra um padrão de comportamento de papéis sociosexuais pré-estabelecidos, isso significa que uma pessoa sofre preconceito por não estar se adequando ao seu gênero correspondente. O fato dessa pessoa não se sentir à vontade ou não se identificar com o seu gênero “correspondente” é algo que se deve à identidade dele mesmo. Isso não tem nada de errado, uma pessoa deve ter a identidade que bem entender. A interpretação social causada em detrimento do gênero é equivocada.

Este trabalho tem noção de que o termo gênero denuncia algo que é muito delicado dentro da sociedade brasileira: a constante diminuição da mulher. Para os homens é necessário que se entenda que eles são colocados desde o início no topo da cadeia hierárquica social. Os homens são, para a sociedade, naturalmente superiores as mulheres e a mulher é obrigatoriamente, e em quase todos os casos, entendida como inferior ao homem. Cada um tem um papel previamente estipulado. Antes de nascerem seus pais já escolheram a cor do seu quarto, os brinquedos que terá são pré-estabelecidos pela sociedade. Essa interpretação social faz com que cada família, que segue os preceitos heteronormativos, tracem um plano, uma norma no qual cada filho/a deve seguir.

O termo gênero é problemático e essa questão de inferiorização dos sexos que ele proporciona deve ser combatida. Partindo do ponto de vista biológico, o macho não é superior à fêmea, porém socialmente o homem é superior à mulher. A sociedade brasileira, pertencente a uma matriz heterossexual, imagina que em um casal homo o mais masculinizado é o detentor de maior poder dentro da relação, é “aquele que tem a palavra final na relação” ou o “homem da relação”. Essas e mais uma série de outros comentários como “quem é o ativo e

passivo na relação?” deve fazer cada um pensar e chegar à conclusão de que a sociedade consagrou o homem como superior. A visão de quem seria o mais masculino na relação no exemplo dado é automaticamente relacionada com a pessoa que está acima na relação, que controla o relacionamento por assim dizer, conseqüentemente o/a mais efeminado/a será o inferior. O termo gênero denuncia e propaga uma lógica social no qual é responsável pela constante inferiorização da mulher. Essa linha de pensamento coloca um grande grupo de indivíduos (mulheres cis e trans³) como inferiores. Esse termo deve ser abolido pois arruína a ideia de que todos os indivíduos devem ser tratados da mesma maneira.

A abolição das práticas nocivas que o termo gênero denuncia é necessária uma vez que elas incentivam um pensamento machista, no qual o masculino é naturalmente superior ao feminino. Esse ar hierarquizador de sociedades de matriz heteronormativa deve acabar. É culpa dele que feminicídios acontecem, é por causa dele que as pessoas tem medo de manifestarem sua real identidade e orientação sexual. A heteronormatividade brasileira é responsável por uma grande parte dos preconceitos que o povo brasileiro vive todos os dias, assim como os crimes de homofobia e feminicídio. Aqueles que fazem parte de uma sexualidade marginal ou que fogem da norma estipulada pela sociedade vigente acabam sofrendo por algo que não é sua escolha, eles são assim.

³ O termo cis tem origem na palavra cisgênero que envolve o grupo de pessoas que se identificam com o gênero no qual lhes foi determinado no momento em que nasceram. Já o termo trans que tem origem na palavra transgênero, engloba um grupo de pessoas que não se identificam, em variados graus, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado no momento em que nasceram.

2. PLATÃO E A ORIENTAÇÃO SEXUAL

No capítulo anterior apresentou-se elementos da sociedade heteronormativa brasileira contemporânea. Os focos daquele capítulo foram em duas características muito presentes neste tipo de sociedade, que é o machismo, a homofobia e os problemas que essas características causam em seus indivíduos. Outra característica que deve ser colocada dentro das características de uma sociedade heteronormativa é que ela tem definições de orientação sexual e sexualidade distorcidas. A forma como ela concebe esses dois conceitos é bem diferente de como deveria ser. É baseada a partir de uma prática ao invés de um sentimento. Um indivíduo pertence a uma sexualidade por fazer algo, ele tem uma orientação sexual pois ele faz algo que um determinado grupo também o faz. Não seria muito mais verossímil se fosse analisado os desejos e o que aquele indivíduo realmente sente?

A partir do texto o *Banquete* escrito por Platão será analisado uma possível definição de orientação sexual. Utilizando o termo Eros, terá início essa outra abordagem. Primeiramente um breve resumo do texto base de Platão será dado para que se fique um pouco à par do texto antigo. Finalmente a partir disso será construído o argumento de como as percepções de orientação sexual que são muito difundidas na sociedade brasileira contemporânea é algo que não analisa o quadro todo, não vê a influência da sociedade na orientação sexual de cada um.

A sociedade heteronormativa e as pessoas que compartilham do mesmo pensamento seguem uma linha muito baseado nas práticas. Para ficar mais claro, uma parte da sociedade (essa parte da sociedade que tanto se fala neste trabalho é a que compartilha da mesma linha de pensamento que a sociedade heteronormativa, porém existe uma grande parte da sociedade que não pensa desta forma) acredita que a orientação sexual de um indivíduo está ligada à quem ela beija e se relaciona, ou seja, está ligada às práticas daquele indivíduo. Para alguns casos isso se aplica, mas para outros não, ou seja, essa forma de analisar a orientação sexual é incompleta.

Sabe-se que a sociedade em que se vive irá afetar seus indivíduos de forma absoluta, como foi dito anteriormente a sociedade brasileira contemporânea é heteronormativa e isso traz infelizmente que ela seja machista e homofóbica em quase todos casos. A sociedade brasileira não aceita os diferentes, principalmente aqueles com sexualidades marginais. Existe

um impacto muito forte nas sexualidades marginais devido a essa falta de aceitação por parte da sociedade heteronormativa e existe um impacto muito interessante naqueles que se dizem heterossexuais. Esses assuntos e muitos outros serão abordados mais a frente neste capítulo.

Existe um problema em se correlacionar a orientação sexual de uma pessoa a partir de com quem ela se relaciona. A sociedade contemporânea coage seus indivíduos a se relacionarem com pessoas do sexo oposto, desta forma como pode ser analisado de forma verossímil a orientação sexual das pessoas se elas são basicamente obrigadas a serem e demonstrarem práticas heterossexuais?

Uma sociedade que oprime o diferente faz com que ele se esconda. A forma de esconder uma orientação sexual que não é aceita é fingindo ser o que não é. Está virando comum ver pessoas com idade já avançada, casadas (com uma pessoa do sexo oposto) se assumir gay ou lésbica. É a partir dessa percepção que uma sociedade heteronormativa coíbi o outro, não podendo definir orientação sexual apenas a partir de com quem esse indivíduo se relaciona, mas talvez a partir do que ele sente, como ele sente. Entende-se que não é por uma pessoa estar se relacionando com uma do sexo oposto que ela seja heterossexual, uma vez que a sociedade esteja coibindo-o a se mostrar assim.

2.1. Eros, o Deus do amor

A partir do panorama geral que foi mostrado nas páginas anteriores, neste trabalho não será analisado a orientação sexual e sexualidade a partir de com quem essa pessoa se relaciona, com suas práticas, mas sim do sentimento que este indivíduo tem por outros. O sentido de orientação sexual será utilizado a partir da concepção de Eros, mostrada por Platão em o *Banquete*. A razão de se ter tirado a concepção de orientação sexual a partir deste autor antigo e mais precisamente de seu termo “Eros”, está ligada a um sentimento que cada um tem dentro de si, o amor, que é uma das definições de “Eros”, não somente com quem se relaciona a definição de orientação sexual está ligada, mas não é esse seu fator crucial.

De certa forma na grande maioria dos casos, o indivíduo que alguém se relaciona é o que define sua orientação sexual, ou seja, uma pessoa que se relaciona com pessoas do mesmo sexo normalmente é homo. Ela não se relacionaria com uma pessoa do mesmo sexo se ela não

quisesse. Porém isso não é suficiente para este trabalho. A partir de uma análise da sociedade brasileira, será visto que empecilhos existem e as pessoas não se relacionam obrigatoriamente com as pessoas que definem suas sexualidades e orientações sexuais. Tendo em vista que esta análise – as práticas definem a orientação sexual – em alguns (muitos) casos pode estar equivocada, é necessário que se tenha em mente uma nova.

Como já foi dito acima, o texto base para esta parte do trabalho será feita a partir de Platão e sua obra o *Banquete*. A partir do pensamento de Eros⁴, não tendo um foco específico sobre algum discurso, será analisado que o pensamento de orientação sexual que hoje em dia é visto e disseminado é curioso. A ideia que se tem de orientação sexual não a analisa como um todo, somente uma parte, ou seja, é incompleto. Essa perspectiva que é vista por grande parte da sociedade brasileira é de determinada forma fechado em alguns aspectos, algo doutrinário, como se ao fazer algo é necessariamente pertencente à um grupo, quando a orientação sexual não é algo tão simples e tão preto no branco. Práticas que estão dentro de um grupo de pessoas de determinada orientação sexual não são uma definição, ou seja, não é por que uma pessoa faz algo que a comunidade homo faz que ele é gay ou lésbica.

Como o foco será dado no autor da antiguidade, é necessário que se fale um pouco sobre a obra base para a definição de orientação sexual. Dentro do que se falará sobre o *Banquete*, não haverá um foco muito grande em algum discurso em específico, mas sim no pensamento em Eros, o deus do amor. O que ele é dentro de cada um, como cada forma de Eros se mostra e qual deles é o que se pode definir a orientação sexual de cada indivíduo.

Primeiramente é necessário explicar, colocando num panorama o que é esta obra da antiguidade e a razão dela ter sido escolhida para este trabalho. O *Banquete* é uma obra que fala sobre o amor, e como os antigos gregos o chamavam, Eros. Esta obra foi usada pois nos dias de hoje quando se fala sobre orientação sexual (mesmo que naquela época a forma como a orientação sexual era definida e entendida era diferente da de hoje) o tema amor é algo que está intimamente relacionado. Não é possível se falar de um sem o outro. Assim como é impossível falar de orientação sexual sem falar no amor, é impossível falar de Eros sem falar da obra onde ele é mais citado. Consequentemente um breve resumo sobre o que é o *Banquete* é necessário. É claro que as noções de homossexualidade e heterossexualidade são completamente diferentes das que conhecemos e experienciamos hoje.

O contexto desta obra é uma comemoração na casa de Agaton devido à sua vitória de uma de suas tragédias em um concurso. A partir do que Aristodemo o relatara, Apolodoro

4 Deus do amor e em alguns casos pode ser definido como o amor em si.

narra a obra e seus acontecimentos. Dentro desta casa Agaton, Sócrates, Aristófanes, Pausânias, Erixímaco, Fedro e Alcibiades discursam sobre Eros, sobre como é ele, seus objetivos, sua idade, quantos dele existem, se ele é a ordem no olimpo e muitos outros assuntos.

O primeiro discurso é feito por Fedro, de início ele mostra sua percepção na qual Eros é o Deus mais antigo de todos, sendo ele a causa de todos os bens. Além desses fatos acerca do imortal, Fedro fala um pouco da relação erasta-erômeno⁵ entre Pátroclo e Aquiles respectivamente. Seguindo um pouco é dito por Fedro que Eros é “[...] o mais poderoso para levar os homens à virtude e à felicidade nesta vida e depois da morte.” (180c). O erasta é aquele que foi tocado por Eros, aquele tocado pelo amor.

A seguir vem Pausânias aborda a existência de não apenas um Eros simples, mas dois:

Eros não é um só [...] Todos sabemos que não existe Afrodite sem Eros. Se Afrodite fosse uma só, um só seria Eros. Havendo, porém, duas, há necessariamente dois Érotes. (PLATÃO, Banquete, 180 c-d)

Estipula-se dois Eros e duas Afrodites distintas, uma sendo velha, filha de Urano e sem mãe, cujo nome é Urânia e outra sendo nova, filha de Zeus e Dione, cujo nome é Pandêmia (180e). Sendo apresentado tal fato, é necessário avaliar a propriedade e qualidade específicas de cada um desses deuses tendo em vista suas ações, uma vez que “qualquer ação praticada não é bela nem reprovável em si mesma”, mas na maneira com que se age. Atribui então, a partir daí, que a um desses Érotes⁶ é atribuído a responsabilidade pela justiça e ao outro pela vulgaridade. O próximo a discursar seria Aristófanes, mas devido a uma crise de soluço, Erixímaco pede para tomar seu lugar e quando a crise acabasse, que ele enfim discursasse. Neste discurso é explicitado sobre um Eros que está à procura de um corpo sadio e outro que está presente num corpo enfermo, doente. Erixímaco era médico, sendo desta “arte” que ele tira as informações sobre Eros. Esse discurso é fundado no que um bom médico seria capaz de fazer, ou seja, expulsar o Eros que causa enfermidades em um corpo para que esse volte a ficar sadio.

⁵ Erasta ou eronta seria na relação antiga grega o homem mais velho que se relacionava com o mais novo e erômeno é o jovem que recebe admiração por um erasta. Erasta e erômeno significam literalmente, amante e amado.

⁶ Plural de Eros

O quarto a fazer seu elogio a Eros é Aristófanes, que agora com sua crise de soluções suavizada pode contar sua história do Mito do Andrógeno, os seres esféricos. Neste mito existiam originalmente três sexos: o macho, a fêmea e o andrógênio, sendo este último composto por macho e fêmea. Os seres andrógenos tem sua metade macho e fêmea grudada pelas costas, desta forma não conseguem enxergar a sua outra metade, tendo uma forma similar à uma esfera, daí a denominação seres esféricos. Com o passar do tempo esses seres tentaram desafiar os deuses, sendo punidos por eles à viverem separados de suas metades. Foram cortados, tendo a pele de seu corpo puxada de todos os lados para o ventre, recebendo assim uma cicatriz que estaria presente para sempre, o umbigo. A maior punição dada por Zeus não foi a operação, mas a separação das suas metades. É dito por Aristófanes que muitos deles morreram pois ficavam abraçados com tanta intensidade que não comiam ou bebiam. Os deuses ficaram com pena e colocaram suas genitálias para frente, para que assim eles pudessem se tornar um ser só a partir de um ato (sexo), saciando sua vontade e evitando a morte de vários outros.

A quinta pessoa que toma a palavra foi Agaton, que em dissonância com Fedro, que Eros é o deus mais jovem dos deuses e sempre permanecerá assim. Por odiar a velhice, o imortal viveria e conviveria entre os jovens. Mais do que apenas criticar os elogios anteriores e as qualidades dos demais Érotas, Agaton fala sobre sua natureza.

No próximo discurso, Sócrates faz uma série de perguntas a Agaton sobre sua opinião e seu discurso sobre Eros. Sócrates fará um elogio como os demais fizeram, mas pede a permissão para interrogar Agaton sobre algumas “questiúnculas”. Do mesmo modo que Agaton procede em seu elogio, ele começa pelo que Eros é, para somente então tratar de suas ações – à diferença central, no entanto, é a forma interrogativa. Segundo o filósofo, baseado no pensamento de que não se quer aquilo que já se tem, Eros nos faria desejar aquilo que ainda não temos. Logo Sócrates faz Agaton admitir que Eros não é belo, mas carente do bem. A partir desse interrogatório, Sócrates começa contando sua história com a sacerdotisa de Mantinéia, Diotima. Diferentemente do que pensava Sócrates, Eros não seria belo nem bom, ainda que, tampouco, obrigatoriamente mau. Ele seria um ser situado no meio do caminho entre ambos, além de colocado como um ser não belo e não bom. Ao contrário do que pensa a maioria, ele não seria um Deus, mas um “daimon”: um intérprete, mensageiro, filho de Poros (recurso ou riqueza) com Penia (Penúria), companheiro e serviçal de Afrodite. Sendo ele responsável pela mediação entre os deuses e os homens. É a ponte de ligação entre os homens e os Deuses.

Seguindo um pouco, já no final do banquete aparece Alcibiades, completamente bêbado, atrasado devido a um outro compromisso. Completamente diferente da forma de discursar dos demais, Alcibiades não faz um elogio a Eros, mas sim à Sócrates e a mais ninguém. Com a permissão de Erixímaco, ele começa seu elogio ao grande filósofo antigo, comparando-o com a estátua de um sileno⁷. O erômeno de Sócrates relata ter tentado seduzi-lo de várias formas, todas resultando inúteis. Diz Alcibiades:

Amigos, eu estava só com ele. Mais ninguém! Eu pensava que ele me abordaria logo. Não é assim que o erasta procede quando está sozinho com seu xodó? Eu dava pulinhos. Pois não aconteceu nada disso. Conversou comigo como sempre, passamos o dia juntos, ele se despediu e foi-se embora. Não desisti. Convidei-o para fazer exercícios comigo e passei a rebolar. Isso tinha que produzir efeito. Jogos se repetiram. [...] Não consegui absolutamente nada. Compreendi que não era por aí(PLATÃO. O Banquete. 217b-c).

Alcibiades possuía uma paixão que assustava Sócrates, era invejosa e ciumenta segundo ele. Continuando vários elogios à Sócrates, o erômeno termina seu discurso. O final da obra o *Banquete* tem-se Aristófanes, Agaton e Sócrates acordados, bebendo de uma grande taça de vinho. Os dois primeiros acabam dormindo e Sócrates acaba indo para o Liceu, tomou um banho e lá passou o dia inteiro, indo para casa repousar no entardecer.

Entende-se a partir deste pequeno e breve resumo da obra Eros é o deus do amor, o mais antigo para Fedro, são dois para Pausânias. Seguindo a mesma linha de que Eros seja duplo, Erixímaco diz haver um que reside no corpo saudável e outro no corpo doentio. Seria trabalho do médico extirpar esse Eros que deixa o corpo doente para que enfim o indivíduo volte a ficar bem. Em Aristófanes vê-se o Mito do Andrógeno, no qual Eros seria a procura dos seres esféricos, que foram separados, pela sua metade. A procura daquele que o completará. O Eros de Agaton é um belo, jovem, que vive entre os jovens e convive com eles. Já o de Sócrates é um Eros completamente diferente. A partir do pensamento de que não se quer aquilo que já se tem, Eros faz cada um querer aquilo que ainda não tem. Além disso este Eros é um ser que está no meio entre o belo e o feio, entre o bem e o mal. Ele é a ponta entre os homens e os Deuses, um “daimon”. Já Alcibiades que é o último a discursar fala sobre um Eros diferente, ele fala sobre a sua relação com Sócrates. Um elogio bem diferente dos demais uma vez que fala de sua própria experiência sensível.

⁷ Um sileno é um sátiro (na cultura romana) e um fauno (na grega). Suas estátuas eram ocas tendo em seu interior miniaturas dos deuses.

Existe nesta obra vários Eros, mas o amor possui várias formas de se expressar, desta forma mais do que natural é haver dissonâncias entre um pensamento e outro de cada um dos eu discursou. Dando esse ponta pé inicial já se pode chegar ao próximo tema que é sobre a orientação sexual, sendo utilizado o tema Eros para definir o mesmo.

2.2. Orientação Sexual

A partir do breve resumo sobre o que é *o Banquete* e do por que deste texto ter sido escolhido para este trabalho segue-se o assunto sobre orientação sexual dentro da sociedade heteronormativa e de sua concepção um tanto quanto simplista.

Fazendo uma retrospectiva de como este trabalho interpreta a sociedade brasileira contemporânea pode-se notar algumas características. Primeiro ela é heteronormativa, em segundo lugar ela é homofóbica e em terceiro ela é machista. Outro ponto que não pode ser deixado de lado é o pensamento de que a sexualidade e orientação sexual de cada um é algo muito fácil de se definir, de se entender. Esta questão é muito pessoal e íntima de cada indivíduo, não seguindo um padrão se sua definição é fácil ou não. Entender a sua sexualidade está ligada ao sentido de identidade, no qual é entendido como:

a identidade aparece como um tipo de imagem que adoto para ser o parâmetro de minha existência, de modo que a maneira como eu penso, ajo e estabeleço relações com o mundo, com as/os outras/os e comigo mesmo é guiada de maneira forte por esta imagem que creio ser a marca daquilo que eu sou. Dizendo de outro modo, a identidade é aquilo que faz com que eu me perceba sendo como aquilo que eu sou, e que me faz ser sujeito de determinadas ações. Neste recorte, um problema de identidade é, então, exatamente o fato de que o modo como esta identidade opera e se constitui não é criticado ou colocado em questão (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 29).

A identidade aborda sua sexualidade, a forma como cada um vê a si mesmo, desta forma é algo muito íntimo de cada indivíduo, podendo ser fácil ou difícil de se manifestar. Para aqueles que tem sexualidades marginais, que fogem do sentido comum de identidade, que não se adequam ao seu gênero “correspondente” a(se identificam com o outro gênero, ou seja, um homem efeminado, uma mulher masculinizada) isso pode ser um grande desafio.

A sociedade brasileira contemporânea é uma que não aceita o diferente. Não aceita aquele que saia do comum. O incomum é olhado com desgosto, como se fosse um estranho, algo a ser ignorado ou até mesmo que se force para que ele entre na multidão. O caso de homofobia é assim, sofrem agressões por serem diferentes. Os casos de agressões homofóbicas acontecem geralmente devido à uma demonstração de afeto em público, culminando em um gesto de violência desmedida e sem justificativa. A comunidade gay e as sexualidades marginais não são bem aceitas pela sociedade heteronormativa. Ela as engole à seco, mas não as aceita plenamente, uma vez que a agressão à um casal homo é vista como errado, mas a igualdade de direitos para os homos é algo que poucos acham correto ou lutariam por isso. Não existe um pensamento de união de que isso é errado por parte dessa população. Isso é um problema sério da sociedade atual.

A sociedade dos tempos atuais é um ambiente muito arisco para aqueles que não são heterossexuais. Devido ao preconceito latente que existe na sociedade atual, culpa dos seus primórdios patriarcais, os gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis (sexualidades marginais), sofrem muitas represálias. Nos dias de hoje é comum ver em jornais pessoas que sofreram agressão devido à homofobia. Pessoas morrem por causa do preconceito.

Este trabalho considera problemático querer se estipular a orientação sexual de algum indivíduo a partir de com quem essa pessoa se relaciona. Isso é baseado a partir do fato de se viver numa sociedade heteronormativa, ou seja, uma sociedade que condiciona seus indivíduos a se relacionarem com o sexo oposto. As práticas nessa sociedade são condicionadas. Dentro desse parâmetro de que a sociedade é um ambiente hostil para aqueles que não são heterossexuais começa-se o argumento sobre o porquê de se achar uma definição auxiliar de orientação sexual.

Tendo em vista que se vive em uma sociedade que coercitivamente não permite que cada um se relacione com quem quiser, uma definição de orientação sexual que seja baseada em práticas cai. Não existe um problema na prática, mas sim no fato da prática ser condicionada. A sociedade induz uma prática, desta forma ela tem chances de estar errada. Essa definição auxiliar vem como uma crítica a esse sistema de definição baseado na prática. A partir da introjeção da definição de orientação sexual, ou seja, a partir de uma nova concepção baseada no sentimento e no desejo (Eros) entre amantes um “norte” acerca da orientação sexual de cada indivíduo pode ser dada. Com essa nova linha de pensamento, baseado no sentimento e não tanto e somente nas práticas, as pessoas podem se identificar de forma mais fácil. Podem se entender de forma mais fácil.

Tendo em vista que a sociedade brasileira é homofóbica e desta forma não permite que as pessoas tenham a orientação sexual que quiserem (uma vez que se alguém se assumir de alguma sexualidade marginal, este indivíduo sofrerá socialmente em algum aspecto) é necessário que se entenda que muitos indivíduos não se relacionam e não beijam aquelas no qual condizem com sua orientação sexual, por medo de não serem aceitos e de preconceituosos. Nos casos de indivíduos que estão em relações heterossexuais existe uma chance deles serem gays, lésbicas e não terem coragem de se assumirem devido a uma ambiente hostil que não os aceitará.

O problema da sociedade brasileira contemporânea é que ela não permitindo que seus cidadãos sejam o que quiserem (tendo a orientação sexual, de gênero, de identidade), não se pode dizer que a orientação sexual de uma pessoa está ligada a quem ela se relaciona. Uma sociedade que oprime o diferente faz com que ele se esconda. A forma de esconder uma orientação sexual que não é aceita é fingindo ser o que não é. É comum nos dias de hoje ver pessoas com idade já avançada, casada (com uma pessoa do sexo oposto) se assumir gay ou lésbica. Entende-se que não é por uma pessoa estar se relacionando com uma do sexo oposto que ela seja heterossexual, uma vez que a sociedade esteja coibindo-o a se mostrar assim.

Tendo em vista que a sociedade coíbe seus indivíduos à serem heterossexuais pois esse seria o caminho certo e é o que menos sofre (se é que sofre) preconceito, é possível se falar que muitas pessoas que se dizem heterossexuais são homossexuais que tem medo de assumirem sua sexualidade.

Existe algo muito interessante nos dias de hoje que é a rotulação da sexualidade alheia. Isso é algo muito absurdo, como alguém pode saber a orientação sexual de outra pessoa? Existe casos em que nem a própria pessoa sabe, quem dirá um terceiro. O sentido de sexualidade aqui é algo que está ligado com a intimidade de cada indivíduo. As pessoas que se assumem de alguma sexualidade marginal, seja ele/a bi, gay, lésbica não entram no mesmo quadro que os que se dizem heterossexuais. Eles já sofrem preconceito, não existe uma obrigatoriedade para se ser pertencente a esse grupo. Ser heterossexual é “normal” (pensamento da hegemonia heteronormativa), enquanto que ter uma sexualidade marginal não. Um homossexual não precisa ser assim para evitar preconceitos, por ele ser assim ele sofre preconceito. Não existe uma sociedade forçando ninguém a ser um homossexual, por exemplo.

É necessário que se entenda que essa definição auxiliar de orientação sexual é somente necessária devido a sociedade ser heteronormativa. Uma sociedade ser heteronormativa é exatamente isso, ela ter como norma seus indivíduos serem heterossexuais. Em consequência disto, a homofobia nasce, gerando assim pessoas que tem medo de assumirem sua verdadeira sexualidade.

Muito já foi dito sobre essa definição auxiliar de orientação sexual a partir do termo Eros de Platão, mas pouco realmente dela. Essa teoria surge da percepção de que a internalização da definição de orientação sexual é necessária tendo em vista que a sociedade em que se vive é um ambiente hostil, ou seja, existe um perigo em se assumir não heterossexual. Uma vez que o plano exterior (sociedade) é um ambiente perigoso para se assumir, voltar-se para dentro de si é necessário. Indivíduos se relacionam com um tipo específico (pessoas do sexo oposto) por terem medo de se relacionarem com quem realmente querem (pessoas do mesmo sexo).

O termo Eros é um sinônimo de amor. Quando se ama alguém os antigos o diriam que você foi tocado por Eros, mas mais importante que isso entende-se que esse indivíduo sente algo pelo outro: amor, desejo. Existem várias formas de amor, o fraternal, paternal, maternal entre enamorados e muitos outros. De certa forma é necessário que se estipule um para se chegar mais próximo da definição de orientação sexual. É evidente que o amor entre pai e filho, mãe e filho não é uma opção para definir a orientação sexual de ninguém. Não se pode definir orientação sexual a partir do amor que alguém sente pelo seu amigo ou pelo seu pai. O amor que se sente por um pai não é o mesmo que se sente pelo seu/sua amante. É esse amor/desejo específico que está sendo definido aqui como orientação sexual.

Sua orientação sexual não será definida pelo amor que você sente pelo seu amigo, ou por qualquer pessoa que ame, mas sim o amor que você sente pelo seu amante. Um amor entre pai e filho não é o correto (não no sentido de certo e errado, mas sim no de determinado, de correto para esta ocasião) para definir neste caso, assim como o entre irmãos/ãs, desta forma o único desejo que se pode se encaixar nesse caso é o amantes. O amor entre amantes é o que definiria a orientação sexual. A forma como se ama um enamorado, um amante é a que determina sua orientação sexual.

O termo Eros é uma boa escolha nesse caso uma vez que o amor, o sentimento em si é algo que somente cada indivíduo pode saber. A definição sexual de cada indivíduo não pode ser definida a partir de com quem ela se relaciona, uma vez que a sociedade a coage e se

relacionar com pessoas do sexo oposto, desta forma é necessário que se estipule uma orientação sexual a partir do sentimento que se tem pelo outro. O sentimento que cada pessoa tem é algo que a sociedade heteronormativa não tem como te coagir. Ela pode até te forçar a gostar e a se relacionar com pessoas do sexo oposto, mas ela nunca poderá te fazer ter um sentimento que você não tem, ou seja, o sentimento de amor é algo que a sociedade não pode criar dentro de cada indivíduo. O Eros entre amantes, o amor entre amantes, o desejo entre amantes é esse sentimento que mostra a definição sexual de alguém.

Para a concretização de que o pensamento acerca do termo Eros é adequado para essa colocação é necessário se pensar em exemplos no qual ele seja mais válido do que as demais definições, ou até mesmo uma forma auxiliar de pensamento. Utilizando-se a circunstância no qual se vê um indivíduo x beijando outra do mesmo sexo pode-se imaginar que ela seja homossexual, porém isso pode não ser completamente verdade. Ela pode ser bissexual ou até mesmo heterossexual – esse caso será explicado mais à frente – então entende-se que a orientação sexual de alguém analisada por um terceiro não é totalmente correta. A orientação sexual de cada pessoa é algo que concerne definir apenas à própria pessoa. A definição sexual de cada indivíduo não pode ser definida a princípio por um terceiro, ela pode ser errada, conseqüentemente, se existe a possibilidade de ser errada é melhor que ela seja excluída.

Utilizando a circunstância de que vê-se um indivíduo y beijando outro do sexo oposto imagina-se que os dois sejam heterossexuais, quando elas na realidade podem ser também, bissexuais, homossexuais assumidos ou até mesmo homossexuais que nunca se assumiram devido à uma sociedade que não aceita o diferente. Mais uma vez o argumento de que se você se relaciona com um tipo de pessoa define sua orientação sexual cai.

Um exemplo mais complicado será dado neste momento. Imagine um indivíduo w que seja casado com uma pessoa do sexo oposto há muitos anos, tendo filhos e em seu âmago tem desejos homossexuais e seu conjugue não sabe desses desejos homossexuais. Qual seria a orientação sexual deste indivíduo? Veja que essa pergunta não cabe à um terceiro dizer, mas ela é importante caso os indivíduos x, y ou w estivessem fazendo para si mesmos.

Acerca da orientação sexual do indivíduo w, muitos podem concebê-la como homossexual ou bissexual. Homossexual uma vez que ele possui em seu âmago desejo por pessoas do mesmo sexo. Isso tem base no fato deste indivíduo viver em uma sociedade no qual tem como norma ser heterossexual. A ideia de que ele seria bissexual é embasada no fato dele ter um relacionamento com uma pessoa do sexo oposto e também ter desejos

homossexuais. Ele teria desejos por pessoas do mesmo sexo e por pessoas do sexo oposto. É certo que se esse indivíduo W esconde isso de seu conjugue, existe um fator social presente. Uma coercitividade para que ele permaneça “sendo heterossexual”. De certa forma, ambas perspectivas são embasadas e são legítimas, mas qual seria a certa? Este trabalho está aqui para mostrar que esta não é uma questão que um terceiro deve opinar, mas sim o próprio indivíduo.

Este trabalho não tem como objetivo legitimar mais uma forma de definição do que a outra. Na realidade ele tem como objetivo demonstrar que as duas formas são válidas, mas que cada indivíduo é quem deve saber de sua orientação sexual, se definir (isso se ele(a) quiser). Dito isso, a forma auxiliar criada neste trabalho iria perguntar à esse indivíduo w, com qual sexo você sente o Eros entre amantes? Com qual sexo você sente o desejo de amantes? A partir do que ele realmente sentir estará a definição sexual dele. Não cabe à ninguém mais do que a si mesmo definir sua própria orientação sexual.

É necessário que se entenda que a sexualidade de alguém não deve ser algo que algum terceiro deve definir. Se um indivíduo se diz heterossexual e se relaciona com pessoa do mesmo sexo, quem é você para dizer que ele é homo ou bi? Ninguém sabe o que se passa com aquele indivíduo. Se ele se diz heterossexual, ele é heterossexual e acabou.

3. CONSEQUÊNCIAS DA HETERONORMATIVIDADE

No último capítulo deste trabalho, serão analisadas brevemente as consequências de uma sociedade de matriz heteronormativa dentro da orientação sexual de seus indivíduos, tendo como ponto principal aqueles que se dizem heterossexuais. Mas antes de se chegar ao assunto central é necessário que se tenha em mente o que foi dito nos capítulos anteriores sobre a sociedade heteronormativa para se entender o que será dito neste. Primeiramente, a sociedade em que se vive no Brasil é machista, coloca o homem bem acima da mulher, como se ela fosse sua posse, mas principalmente tem-se a ideia de que naturalmente o homem é melhor do que a mulher em basicamente todas as atribuições sociais que não sejam as domésticas. Além disso, desde o dia em que se descobre qual o seu sexo, já é estipulado como você será ensinado e como você deve ser. A identidade é aquilo que se manifesta com o passar do tempo, conhecendo a si mesmo. O gênero são imposições sociais no qual a partir do seu sexo existe uma forma correspondente para como cada um deve ser. Aquela criança que nasça com pênis estará sendo criada para se tornar um homem, já a com vagina será uma mulher.

Em segundo lugar este país é extremamente homofóbico e não somente no que se refere à gays e lésbicas, mas a qualquer grupo que fuja da normatividade heterossexual. A partir da linha de raciocínio de que o caminho da heterossexualidade é o certo, grande maioria da sociedade admite que todos aqueles que não os são estão errados e devem entrar na norma imperativamente, tudo isso seguindo um heterossexismo compulsório, no qual é necessariamente legitimada toda e qualquer prática heterossexual. Parece não haver espaço para a diferença, ela não somente não é aceita, mas também não se tolera que eles existam. Qualquer orientação sexual que seja considerada marginal (gays, lésbicas, bissexuais) sofrerá intenso preconceito. Tendo relação com o sentido de gênero no qual o preconceito, especificamente a homofobia, está muito ligado ao fato de o sexo e gênero não estarem se “correspondendo”, ou como diria Lang, quando se vai contra os papéis sociosexuais pré-estabelecidos. Uma forma interessante de se definir um preconceito a partir de um comportamento, tendo em vista que gays ou lésbicas que “não dão pinta” raramente sofrem preconceito na rua. O que faz um preconceituoso diferenciar um hétero de um homo é o comportamento, uma vez que não existe diferença entre os dois.

Em terceiro lugar a sociedade brasileira tem a falsa ideia de que o sexo da pessoa com que se relaciona é o indicante da orientação sexual do outro. A crítica feita neste trabalho é

que isso é equivocado. Um país ou uma sociedade que vê como norma ser hétero e tenha como preceito a obrigatoriedade na legitimação de toda e qualquer atitude heterossexual não permite que as demais sexualidades se mostrem. Baseado nesta ideia de que a sociedade brasileira não recebe de braços abertos as demais orientações sexuais é necessário que se tenha em mente que muitas pessoas escondem suas reais orientações sexuais por medo de sofrerem preconceito. Medo de olhares maldosos, xingamentos nas ruas e o constante perigo de ser morto nas ruas por não fazer parte da norma. Desta forma, a ideia de que a pessoa com que se relaciona é o que define sua orientação sexual não poderia mais ser utilizada, pelo menos para aqueles que se dizem heterossexuais, uma vez que pertencer a esse grupo é a norma. Os homossexuais não entram nesse grupo uma vez que não há nada que os obrigue a serem gays ou lésbicas, eles estão exatamente indo contra a norma.

Todas essas questões apresentadas nos capítulos anteriores convergem aqui o tema final deste trabalho. Tendo em vista todas essas nuances de uma sociedade de matriz heteronormativa, qual seriam as consequências de uma sociedade que se organiza desta forma na orientação sexual de cada indivíduo e principalmente dos heterossexuais?

3.1. Na Orientação Sexual dos Heterossexuais

Aqui será tratado um pouco da influência de todas as características da sociedade heteronormativa que foram apresentados nos capítulos anteriores e suas eventuais consequências na orientação sexual dos heterossexuais. Porém antes de começar é necessário falar um pouco da onde veio o termo “heterossexual”. Existe uma dissonância entre o conceito que é entendido nos dias de hoje e o conceito no qual este termo se iniciou.

Primeiramente ao se falar sobre os heterossexuais é necessário falar de Jonathan Ned Katz (1996) e sua obra *A Invenção da Heterossexualidade*. Fala-se em como os heterossexuais eram vistos no século XIX nos Estados Unidos. Katz traz o artigo do Dr. James G. Kiernan, no qual relata um pouco mais sobre os heterossexuais. É dito: “o instinto sexual era geralmente identificado como um desejo de procriação” (KATZ, 1996, p. 31). Com o tempo essa teoria no qual o sexo estaria ligado apenas à reprodução cai devido a uma nova ética, diz Katz (1996), do prazer do sexo diferente. O termo “heterossexual” foi utilizado pela

primeira vez com um contexto de perversão, era uma das várias manifestações anormais de apetite sexual, bem diferente do que é visto hoje. A sociedade brasileira contemporânea vê o heterossexual como uma forma de sexualidade extremamente comum e normal. É dito:

Os heterossexuais sentiam a chamada atração física masculina por mulheres e a chamada atração física feminina por homens. Ou seja, aqueles heterossexuais periodicamente tinham inclinações para ambos os sexos. O hétero neles se referia não ao seu interesse por um sexo diferente, mas ao seu desejo por dois sexos diferentes (KATZ, 1996, p. 32).

Nota-se que existia uma grande diferença no sentido de heterossexual desde a primeira vez que em foi citado para o dos dias de hoje, é mais assemelhado aos bissexuais de hoje em dia do que com os héteros. Algo interessante é que o novo termo heterossexual foi citado em um livro que posteriormente foi editado e tornou-se um dos textos mais famosos sobre sexualidade patológica.

É necessário que se tenha em mente que o artigo do Dr. Kiernan (*apud* KATZ, 1996) tem o significado de heterossexual baseado num ideal reprodutivo. Não é como nos dias de hoje em que a orientação sexual de uma pessoa é estipulada por quem um indivíduo se relaciona, ou que como foi dito no capítulo anterior que tipo de Eros ou que desejos se sente por outro indivíduo.

O sentido de heterossexual que foi mostrado nas linhas anteriores de que é um desvio patológico (hermafroditismo psíquico) é algo que não convém neste trabalho, uma vez que está sendo analisado o que a sociedade concebe como heterossexual. Como esse pensamento de que pertencer à essa sexualidade não é mais considerado uma patologia, esse ponto de vista será desconsiderado, mas é interessante se pensar que esse grupo, que hoje é a norma, já foi parte de uma minoria. A partir disto o que será analisado e considerado aqui como heterossexual são as pessoas que se dizem ter desejos, se atraírem, terem um Eros entre amantes, como foi dito no capítulo anterior, terem relações com indivíduos do sexo oposto (é necessário que se diga que uma pessoa que se relaciona com indivíduos do sexo oposto não obrigatoriamente por viver em uma sociedade que seja heteronormativa é hétero por causa dela, ou seja, nem todas as pessoas que se dizem heterossexuais são homossexuais que não se assumem por medo).

A heteronormatividade da sociedade brasileira traz consigo uma série de preceitos, práticas e códigos que são tão enraizados na sociedade que quase não são notados. Ideias como o casamento monogâmico, a fidelidade conjugal, o amor romântico, a ideia tradicional de família (constituída por pai, mãe e filhos/as) são apontadas por Foster como reproduzidas

por esse pensamento heteronormativo. A sociedade em que se vive no Brasil é fortemente influenciada por esses preceitos. A traição que é considerada imoral está ligada com alguns princípios disseminados pela lógica heterossexista de que não se deve trair e do amor romântico. O pior de tudo é que suas ideias quando analisadas fazem sentido para muitas pessoas. O amor romântico é bonito e faz muitos quererem ir atrás de seu príncipe encantado. Um relacionamento que baseado na fidelidade e um relacionamento monogâmico são preceitos que atraem a muitas pessoas. Grande parte da sociedade se sente atraída por eles. Os princípios da sociedade heteronormativa estão muito dentro da sociedade.

Não somente assuntos como relacionamentos com fidelidade e que disseminam “boas ideias” estão muito enraizados dentro desta sociedade. Discursos que disseminam o ódio ao diferente também são muito presentes. Aqueles que não seguem uma norma heterossexista são oponentes, rivais ou no melhor dos casos considerados como inferiores. A sociedade em que o cidadão brasileiro vive nos dias de hoje tem como preceito o heterossexismo compulsório, no qual aqueles que compartilham deste pensamento (o que é uma grande parte da sociedade) tem como imperativo inquestionável que todas as ideias e práticas heterossexuais são legítimas. Para grande parte da sociedade as demais sexualidades são ilegítimas ou pelo menos legítimas que a hétero. A hétero está no topo, é a orientação sexual mais correta ou melhor do que todas as outras.

O maior problema nesses preceitos da sociedade heteronormativa não é o fato deles acharem que uma sexualidade é melhor que a outra (de certa forma seria muito mais fácil ser hétero do que homo, uma vez que ninguém é morto ou sofre agressões na rua por ser heterossexual), mas sim dela disseminar um discurso de ódio e de não aceitação quanto aos demais. Primeiramente que não deveria haver um caráter hierárquico neste tipo de assunto. Uma orientação sexual ser melhor do que outra é algo absurdo. Pode-se haver dissonâncias de pensamentos no qual uma pessoa pode achar que seu pensamento é melhor do de outra pessoa, mas mesmo ela tendo essa ideia as duas pessoas podem seguir suas vidas sem problemas. Conflitos de opinião fazem parte da vida em sociedade. O maior problema, que é o da sociedade brasileira, é quando ao terem conflito de opinião um querer lhe obrigar a mudar seu pensamento e mudar quem você é por ele achar que está mais certo do que você.

Veja que o problema da sociedade heteronormativa não é ela se achar superior. Cada um possui o seu pensamento e assim a sociedade segue seu fluxo, porém o incentivo a suas práticas junto com o preconceito, o ódio, a raiva para com aqueles que não seguem é onde

está o maior problema da sociedade heteronormativa. O querer obrigar que todos partilhem do mesmo pensamento, que pratiquem preceitos heterossexistas é onde está errado. Querer obrigar os demais a serem iguais e colocar medo naqueles que são diferentes. Isso é um grave problema da hegemonia que ela nunca vai mudar. Por ser uma hegemonia de pensamento ela quer permanecer vigente, logicamente ela deve continuar tendo mais e mais pessoas que partilham da mesma ideia para continuar existindo, por isso que pensamentos conflitantes não tem espaço e sofrem represálias, assim como as pessoas que pensam e vivem desta forma.

Entende-se a partir do que foi dito acima que a sociedade heteronormativa não partilha do pensamento de que dois indivíduos podem ter ideias diferentes e conflitantes e não terem problemas um com o outro. Conclui-se logicamente que ela obriga que as pessoas sejam iguais, mais precisamente, que partilhem dos mesmos ideias que ela. Isso causa um medo em se ter um posicionamento, em se colocar e em viver de uma forma diferente da que a norma exige.

Com um sistema que não permite que o diferente se mostre e permaneça sempre nas sombras, pessoas com orientações sexuais que fogem do padrão se escondem. Isso gera um problema social muito grande que forma um ciclo. As pessoas têm medo de represálias sociais, desta forma não assumem sua sexualidade ou não manifestam sua real identidade. Tendo em vista que essas pessoas não tiveram a coragem de se assumir, uma falta de aceitação de si mesmo e até mesmo uma raiva de terceiros por estes terem coragem de se assumirem se manifesta (que é a homofobia psicológica descrita no capítulo 1). Muitos casos de homofobia são ligados a indivíduos gays ou lésbicas que nunca tiveram a coragem de se assumir e ficam com ódio daqueles que são pois enxergam essa parte de si que não gostam (essa esfera homossexual) nos outros, tendo como consequência a homofobia. Uma forma de controle feita pela própria sociedade para que ela não sai dos trilhos do caminho heteronormativo.

A hegemonia heteronormativa se auto-gere, formando um ciclo. Esse ciclo tem início numa sociedade que não aceita o diferente, seja uma sexualidade ou uma identidade que não segue a norma. Um fenômeno interessante acontece com aqueles excluídos que não se manifestaram ou mostraram sua real orientação sexual. Eles basicamente mudam de lado de oprimido para opressor (o princípio da homofobia psicológica descrita no parágrafo anterior). Ao invés de simpatizar com aqueles que estão se manifestando e tendo a coragem de ser quem são, uma raiva surge dentro deles, gerando o preconceito, homofobia, tornando-se opressores.

Com esse fato volta para o início, uma sociedade não aceita a diferença, fechando o ciclo. A cada vez que esse ciclo é fechado pior ele se torna, pior a sociedade fica e menos aberta para o diferente ela é, uma vez que um número cada vez maior de opressores surge.

A questão das consequências de uma sociedade heteronormativa na orientação sexual de cada indivíduo é facilmente notada a partir dos relatos até agora passados. Para os gays e lésbicas, uma falta de aceitação os apetece, mas não somente isso, um ar no qual coercitivamente os obriga a não se assumirem está sempre presente. A sociedade basicamente não quer que eles se assumam com sua sexualidade marginal, eles querem adiar tal fato para que talvez com o passar do tempo eles notem que ser heterossexual é um melhor caminho, uma melhor escolha. Infelizmente a orientação sexual não é uma escolha, o indivíduo é assim. O respeito pela decisão do outro deveria ser algo majoritário nos dias de hoje, mas o contrário é o que toma maior lugar.

Concluindo, existe dentro da sociedade brasileira, que é de matriz heteronormativa uma vontade inata em fazer com que todos os indivíduos vivam da mesma forma, sejam da mesma forma e pensem da mesma forma. Como já foi dito anteriormente isso se deve ao fato de ser um pensamento hegemônico como diria Wanderson Flor (2012). Não existe ou não é dado espaço para pensamentos diferentes ou conflitantes. Todos aqueles que tenham uma sexualidade diferente da norma, ou seja, todos os que não sejam heterossexuais não são aceitos completamente. Isso afeta a forma como cada um vê sua sexualidade e orientação sexual pois a partir de uma sociedade onde sempre bombardeia que esses impulsos e desejos (homossexuais) são errados, tem-se uma sociedade com sérios problemas em se aceitar, causando doenças psicológicas como depressão, ansiedade e em alguns casos o suicídio está presente.

Muitos brasileiros que pertençam a sexualidades marginais escondem a verdadeira identidade de sua orientação sexual. Aqueles que se mostram de verdade tem muita coragem ou não sabem o perigo que estão sofrendo por agir desta forma. Seja qual for o motivo, eles devem ser espelhados. Estão indo contra um pensamento que os força a serem infelizes. A partir de sua atitude muitos, e principalmente os preconceituosos, podem entender que se admitir como homossexual, bissexual, manifestar sua identidade, não entrar no sentido de divisão de gênero ou qualquer outro posicionamento que seja diferente da hegemonia é algo completamente natural. Seja qual for sua escolha, ela não deve ser passível de preconceito,

repúdio ou agressão, mas sim e aceitação. Essas atitudes devem ser aceitas e não freadas. Que o diferente seja aceito até que não seja mais considerado diferente.

A grande responsável por essa série de eventuais problemas descritos neste trabalho é essa sociedade heteronormativa, no qual tem como um dos principais motores e um de seus maiores problemas o heterossexismo compulsório. Talvez o maior problema seja ele. O fato de se colocar alguma ideia como inquestionável já é algo que se deve questionar. Colocando-se esse preceito num âmbito social, no qual consiste em pensar que todas as práticas e pensamentos da cultura heterossexual sejam legítimos é algo muito errado. Grandes problemas sociais como a homofobia e o machismo são frutos dessa sociedade que não vê demais pensamentos como iguais. Como linhas de raciocínio que possam ser comparados com a sua. Já foi evidenciado de várias formas possíveis de que a sociedade esquematizada desta forma é um perigo e desta forma, deve acabar. Sua conjuntura desta forma deve acabar. “Só é possível mudar aquilo que se visualiza como mutável” (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 23). Que se pense que esses pensamentos dessa sociedade hetero-normativa devem ser mudados, que se tenha em mente que você pensando diferente pode mudar o posicionamento de muitos outros. Que essa sociedade melhore finalmente. Que todos sejam aceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio este trabalho nasceu de uma forma de colocar para fora todos esses pensamentos que sempre tive sobre a heteronormatividade e grande parte das inquietudes que sempre tive sobre a sociedade. Esse trabalho que surgiu de um desabado agora se tornou algo que sei que outras pessoas poderão analisar e de certa forma poderão entender melhor a si mesmas, a sociedade e como ela funciona. Fico contente que ao final deste trabalho uma série de posicionamentos me vieram a cabeça. O quão interessante e complicado é a sexualidade. A forma que a sociedade heteronormativa vê o indivíduo é muito particular e extremamente fechada para novas opiniões e posicionamentos.

A partir das inquietações que este trabalho analisou e apresentou deve-se sempre ficar atento para os problemas que a sociedade heterossexista o põe todos os dias. O leitor a partir da leitura e análise do que foi mostrado neste trabalho talvez tenha uma visão menos ingênua de como a sociedade que se tem hoje em dia afeta cada um de seus indivíduos, seja na forma como vivem, suas práticas até sua intimidade, sua orientação sexual. Uma ideia que não aceite o diferente, ou o preconceituoso que olhe aquele que foge da norma com um olhar superior sempre serão posicionamentos que deverão ser combatidas.

Assim como este trabalho tem como fundamento analisar as consequências da sociedade de matriz heteronormativa na orientação sexual nos indivíduos que se dizem heterossexuais, talvez fosse necessário mais tempo para se fazer uma análise de caso, captando de forma mais completa as consequências em cada indivíduo. Os resultados da sociedade na orientação sexual foi analisada de forma mais geral, mostrando as consequências na orientação sexual dos que se dizem héteros de forma mais ampla, ou seja, foi mostrado num plano mais social as consequências e não de cada indivíduo. Esse tipo de análise micro, tendo como foco em cada indivíduo é bastante interessante, uma vez que foi analisado no capítulo 2 do problema em se fazer uma análise incompleta e que não capte o quadro todo.

A orientação sexual, que foi um assunto bastante discutido neste trabalho, pode ser vista desde uma forma crítica de analisar a concepção prática da sociedade brasileira. A definição de orientação sexual a partir de com quem se relaciona é algo equivocado e não analisa totalmente o que significa a orientação sexual, que é relacionado intimamente com seus sentimentos. A necessidade de se definir algo a partir de uma prática é algo que deve ser analisado futuramente. Por quais motivos a sociedade heteronormativa acredita que somente a

prática define ou o porquê dela ser mais legítima do que um sentimento. Para a heteronormatividade existe uma hierarquia qual se ver um indivíduo se relacionando com outro do sexo oposto é de alguma forma mais legítimo do que este indivíduo falar que tem sentimentos apenas pelo mesmo sexo. Isso é algo intrigante e seria muito proveitoso que fosse pesquisado mais a fundo. É uma característica da heteronormatividade e que não existe muito uma justificativa.

Acerca da questão do machismo é necessário se entender que uma análise feita por um indivíduo homem não será tão completa pelo menos não tanto quanto o relato de uma mulher. Os preconceitos, o sofrimento, a dor, o dia a dia da mulher só pode ser explicitada de maneira clara por uma.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada, Editora Ave-Maria. Edição Pastoral Catequética, 155ª edição. Traduzido por Monges Beneditinos de Maredsous

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dicionário Didático de Português. Editora Ática, 2ª edição, SP, 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Imagem Virtual, 2003.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: História e Crítica de um Preconceito*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Autêntica, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual em nossa (des)conhecida*. 12ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício – Estudos sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Copyright 1992.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1 – a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal 1999.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre Identidade de Gênero: conceitos e termos*. Brasília: Autor, 2012.

KATZ, Jonathan Ned. *A Invenção da Heterossexualidade*. Tradução Clara Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes. 6ª edição. 2003

NASCIMENTO, Wanderson Flor. *Revista Ártemis – Às Margens: Notas Escritas entre a Filosofia e a Sexualidade*. Edição V, 2012.

NUSSBAUM, Martha C. *A Fragilidade da Bondade: Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. Cap. 6. São Paulo. Editora Martins Fontes. Trad. Ana Aguiar Cotrim. 1ª edição. 2009.

PLATÃO. *O Banquete*. Porto Alegre. Editora L&PM. Trad. Donaldo Schüler. 1ª edição. 2009.

RICH, Adrienne. *Heterossexualidade compulsória e existência lésbica*. Tradução Carlos Guilherme do Valle, 2010.